

A ESCRITA COM OS PÉS

L'ÉCRITURE AVEC LES PIEDS

Cássio Eduardo Viana Hissa*
Universidade Federal de Minas Gerais

RESUMO

O futebol é um modo de escrever e de *dizer o mundo* e, portanto, uma forma de representação que, mergulhada no contexto cultural em que se insere, reflete os mais diversos significados da sociedade; ele reproduz e explicita as desigualdades e barbáries sociais; mas, contraditoriamente, também por ser um modo de *dizer o mundo*, é um apaixonado, fascinante e mágico modo potencial de transformação social. Simulação de guerra, em que há apenas possibilidade de vitória de um, o futebol é, também, uma escrita a se abrir para a crítica social.

PALAVRAS-CHAVE

Futebol, representação, crítica social

PRÓLOGO AO MODO DE DIZER O MUNDO: FUTEBOL

Dizer o mundo é dar-lhe significado e, portanto, interpretação. A interpretação nos diz o mundo e há diversos modos de *dizer o mundo*. A literatura, poesia, política, fotografia, ciência – em seus variados campos disciplinares –, cinema, saberes originários das práticas dos sujeitos do mundo dizem o mundo através de representações e de interpretações. Ato que pressupõe a sua experimentação e, simultaneamente, as várias possibilidades de sua leitura.

O futebol: como descrevê-lo, diante de tantas possibilidades que se abrem para a sua compreensão? Arte e jogo de esporte. Simulação de guerra. Mercado. Corrupção. Representação de territórios e de identidades; representação de culturas e sociedades. Paixão. Na contemporaneidade, pela magnitude do que passou a representar, pelos milhões de envolvidos com o esporte em todo o mundo, direta e indiretamente, pelo volume de dinheiro que faz circular, pelo imenso espaço conquistado nas diversas mídias –, o futebol é uma das mais expressivas representações do mundo. Ele expressa o mundo, mas é, também, uma das formas de sua interpretação. É uma das formas de escrever o mundo.

* cassioevhissa@terra.com.br

Entretanto, durante décadas, ao longo de quase todo o século 20, a escrita voltada para a discussão da temática que envolve o futebol esteve ameaçada por preconceitos. Seja nas artes plásticas, na literatura ou nas ciências sociais, o futebol, aos olhos de muitos, sempre interpôs limites à sua leitura ou interpretação. O futebol: ópio do povo. Frase que, à indiferença, sentenciava o futebol ao silêncio, como leitura e como escrita, tanto na literatura como nas humanidades e ciências sociais. Aos olhos de muitos, o futebol: território de convergências do que havia de pior em nossas sociedades e comunidades: *a marginalia com a bola nos pés*; o submundo; a alienação política. Tais limites foram acirrados, no Brasil, a partir do golpe militar de 1964. Não foram poucos os brasileiros que explicitaram os seus desejos de derrota da sua Seleção na Copa do Mundo de 1970, já no contexto econômico do “milagre”, referenciado pelo quase ápice da ditadura, da tortura impingida pelos militares ao povo, às vozes de libertação, e já sob o governo do general Emílio Garrastazu Médici (1905-1985). A expectativa da radical direita política sempre foi a de que a vitória do selecionado canarinho pudesse atenuar as tensões sociais no país.¹ É com ironia que Drummond escreve sua crônica no *Jornal do Brasil* – endereçada à bola – em abril de 1970, antes da Copa do Mundo: “Ou ganhamos no México ou não sei o que será de nós, de nossos negócios particulares e até da segurança nacional. Sim, da segurança. Uma bola pode salvar o país (...).”² O poeta finaliza: “(...) o negócio é sério, não preciso esclarecer mais nada, tu me compreendes: salva-nos!”³ A conquista da Copa de 1970, no México, assim, deveria ser vista, por muitos brasileiros críticos, artistas, poetas, escritores, cientistas sociais, como a provisória e forte derrota da sociedade, do país livre, da esperança da democracia. Portanto, o futebol, aos olhos de muitos: *estúpida brincadeira despolitizada*, machista, racista⁴ e a neutralizar as nossas mais ricas, críticas e potentes motivações de transformação do mundo.⁵

Talvez não seja sem poucas razões que o grande literato da representação teatral a se voltar para o futebol nos tempos da ditadura militar e da maior repressão política da história brasileira tenha sido Nelson Rodrigues (1912-1980). Passado todo esse tempo da mais grave escuridão política experimentada pelo País, o mais celebrado dramaturgo brasileiro se entregaria, provavelmente, ainda, à leitura do futebol. Em Nelson Rodrigues, a paixão pelo drama e pelo *teatro do futebol* está marcada por uma obra feita de belíssimas crônicas, algumas das quais reunidas em dois livros⁶ publicados já nos anos 1990 a

¹ A despeito das acirradas disputas regionalistas, a seleção brasileira de futebol sempre esteve, a partir do desejo de muitos – particularmente de setores da imprensa e dos governos –, com o encargo de cumprir papéis importantes referentes à construção da identidade nacional e da própria integração nacional. Trata-se de um apelo à pátria que, no entanto, nem sempre é território para os sujeitos.

² ANDRADE. Carta sem selo, p. 103.

³ ANDRADE. Carta sem selo, p. 103.

⁴ Prefaciada em sua primeira edição pelo sociólogo e escritor Gilberto Freyre, a obra histórica de Mário Filho, irmão de Nelson Rodrigues, nos mostra, em 1947, a história do racismo brasileiro através do futebol. Cf. FILHO. *O negro no futebol brasileiro*. Como contraponto e, simultaneamente, extensão da reflexão acerca da ascensão do negro no futebol brasileiro, cf. RIBEIRO. *Mestiço é que é bom!*

⁵ Em contrapartida, poder-se-ia perguntar: o futebol, diante de tudo que representa, não é, também, território da política?

⁶ RODRIGUES. *À sombra das chuteiras imortais*: crônicas de futebol; RODRIGUES. *A pátria em chuteiras*: novas crônicas de futebol.

partir de seleção de textos,⁷ extraída de imenso acervo.⁸ O teatro de Nelson Rodrigues é execração, tal como o drama da escrita do futebol na ditadura militar brasileira com a qual, no início dos anos 1970, o dramaturgo troca passes políticos de consentimento, aprovação moral irrestrita e apoio incondicional. É nesses termos também que, especialmente na obra de Nelson Rodrigues, o mundo do futebol é a representação literária do drama da sociedade brasileira. É no drama, na segunda metade do século 20, em que os limites interpostos pelo futebol encontram, na literatura, a sua possível abertura. Mas existem outros limites, aos olhos de muitos, que se multiplicam com o passar das décadas. Cada vez mais intenso é o ritmo da compreensão de que o futebol é, também, a representação do mundo cultural, político e social: é para onde converge, explicitamente, toda a sorte de barbáries, da antirregra, do contraesporte, da dissimulação, da escandalosa injustiça, das conquistas de guerra simulada – no jogo e na antirregra – assentadas na corrupção, no ajuste de resultados, na lavagem de dinheiro, na fabricação forjada de campeões, de mitos e de ídolos. O futebol, assim, também, aos olhos dos outros, é: o logro, a dissimulação, *o roubo-representação cultural de todos os demais*. Portanto, os limites à escrita são interpostos pelo futebol do desencantamento contido nesse conjunto de limites que se sobrepõem. Entretanto, futebol não é apenas isso, ainda que tudo isso seja quase tudo. Futebol é arte, drama, teatro, literatura. É representação do mundo e da cultura moderna. Ele poderia prescindir da interpretação, pois, por si só, ele é escrita. É precisamente por isso que o futebol, a partir das duas últimas décadas do século 20 e, principalmente, a partir da primeira do 21, é um estimulante *modo de dizer o mundo*. Mais do que nunca, passada a primeira década do século 21, completamente atravessado pelo mercado global,⁹ o futebol é o modo de compreender os sujeitos e o mundo,¹⁰ os territórios e os lugares. É um modo corrompido de dizer o mundo que se corrompe e que corrompe os sujeitos do mundo. Não seria o bastante para compreender o futebol, também, como importante exercício a ser lido, em toda a sua completude, de modo a ler o mundo através de outras lentes e, conseqüentemente, encaminhar práticas e políticas que expressem desejos alternativos e críticos de transformação social?

A PRESENÇA DO MERCADO NO TERRITÓRIO DA GUERRA

A reflexão acerca da existência do poderoso *mercado da bola* encaminha o pensamento para a presença da competição. Dirá o Barão Pierre de Coubertin: “o importante

⁷ A referida seleção de textos foi produzida por Ruy Castro. Além dessa seleção de crônicas, Ruy Castro produz outro importante exercício de seleção: crônicas de Mário Filho, publicadas originalmente nos anos de 1950, seguidas de encantador texto-prefácio elaborado pelo seu irmão Nelson Rodrigues. Mário Filho ainda daria o seu nome ao maior estádio de futebol do Brasil: Maracanã. Cf. FILHO. *O saço de arubinha: os anos de sonho do futebol brasileiro*.

⁸ A produção de crônicas voltadas para o futebol, por Nelson Rodrigues, tem início a partir da segunda metade dos anos de 1950.

⁹ CALDEIRA. *Ronaldo: glória e drama no futebol globalizado*

¹⁰ FOER. *Como o futebol explica o mundo: um olhar inesperado sobre a globalização*.

não é ganhar, mas competir.” A sentença tem sido explorada, ao longo das várias décadas que se seguiram à abertura dos Jogos Olímpicos de Atenas, no final do século 19 e, mais adiante, no esporte, a ideia da competição tem adquirido adjetivos, como, por exemplo, *competição saudável*. O importante é competir: sobre a afirmativa recaem variados modos de compreender o fracasso, pois, nas sociedades ocidentais modernas o importante é mesmo vencer. Sobre a afirmativa, ainda há o que dizer de muito importante, pois ela tem sido distorcida. Se o importante é competir – não exatamente vencer –, o verbo tem sido equivocadamente trabalhado, pois competir é se exercitar com o propósito de vencer. Competir não é participar como figurante, mas disputar para vencer, derrotar, aniquilar todos os demais que integram a competição. Portanto, além disso, não há como admitir o ingresso da saúde na competição, porque a derrota é, nos termos postos, equivalente à incompetência e ao despreparo para competir, impondo a derrota ao outro. Entretanto, a concepção do exercício da competição não é, exclusivamente, originária do esporte.

A liberdade dos atores na economia¹¹ – recomendada pelos adeptos do neoliberalismo – sempre está no centro das discussões que envolvem a construção de um mercado forte, mas, também, no núcleo do debate acerca dos significados de liberdade; pois, se a recomendação é ser livre para competir e, se da competição, hipoteticamente, todos sairiam mais fortes. No entanto, apenas os desde sempre mais poderosos agregarão mais conquistas, incorporarão mais poderes e fabricarão a história que lhes convêm. Na economia de mercado, da diferença desrespeitada e da absurda desigualdade, emerge a competição que, a despeito do discurso da lisura que ideologicamente incorpora, já é alicerçada pela injustiça e se desdobra em barbárie.¹² Ainda assim, sob os paradigmas da hegemônica e absoluta economia de mercado que se esparrama com toda a liquidez através do Ocidente, a ideia de liberdade está presente na permanente promessa de ascensão social que, com toda a sua raridade, em diversas circunstâncias, é tomada como emblemática e, sobretudo, como exemplar. O mercado é a expressão da competição, que, por sua vez, é também representação de guerra. O futebol, mais no presente do que no passado, é uma das mais nítidas expressões da *arte da guerra* – tal como o pensamento ocidental também compreende a guerra: como uma espécie de arte feita de táticas, estratégias de combate; para destruir, aniquilar; para fabricar um vencedor, alguns heróis e uma multidão de derrotados.

O contemporâneo processo de globalização – tal como, em suas diversas manifestações, pode ser compreendido – sempre se apresentou como um conjunto de práticas e de dinâmicas que se puseram em condições adequadas, ao longo da história da modernidade, para emergir em condições de inevitabilidade. Em outros termos, toda a dinâmica social, sob a égide do capitalismo, construiu o curso da história de modo a fabricar culturalmente o processo de globalização. Pode-se afirmar que o mercado está

¹¹ RICARDO. *Princípios de economia política e tributação*; SMITH. *Investigação sobre a natureza e as causas da riqueza das nações*.

¹² A ideia de competição é traduzida pelo conceito de competência. Entretanto, jamais se enfatiza que, na competição, será preciso impingir derrotas ao outro de modo a construir a sua própria vitória, que, no capitalismo, se expressa através do lucro, do progresso, da virtude, do bem-estar, e de uma suposta vida melhor.

em quase todas as estruturas sociais do corpo *ocidental do mundo*.¹³ Portanto, será sempre árduo e, talvez, cada vez mais, infrutífero o esforço de imaginar que *espaços-tempo ocidentais* estejam livres da presença do mercado. Em que práticas o mercado apresenta maiores dificuldades de inserção? Na arte: talvez, não mais, como no passado. Na poesia e nas práticas levadas adiante em territórios de intimidade: talvez, mas não se afirma, tampouco, a presença de tais dificuldades com tantas convicções. Na arte do futebol, pelo contrário, na contemporaneidade, é difícil conceber a ausência do mercado no denominado “mundo da bola”. O mundo do futebol não apenas foi invadido pelo mercado, mas, principalmente, passo a passo, criou as condições mais favoráveis para que o mercado pudesse ser institucionalizado como o suposto acertado caminho na direção do aperfeiçoamento e da redenção do esporte profissional. Em decorrência disso, muitas transformações se deram no mundo do futebol e, para muitos, as consequências foram trágicas.

Liberdade para os atletas escolherem, como preferirem, os clubes: está aí o centro do discurso que promete a liberdade de escolha e que abre parênteses na antiga lei do passe. As transformações foram inevitáveis no Brasil: de atletas identificados com torcidas, lugares, cores e clubes a *atletas andarilhos*, profissionais em busca de remunerações do trabalho referenciadas pelo rendimento milionário de alguns pouquíssimos – ainda que os mais elevados salários do futebol sempre estejam concentrados nas mãos de poucos deles: uma insignificância estatística. Entretanto, no *Brasil do futebol*, que se quer “nação da ginga do corpo”,¹⁴ pleno de injustiças e de pequenas oportunidades de ascensão social, o referido esporte é propagado, através das camadas mais pauperizadas, como a *redenção mais à mão*. Entretanto, as frustrações mostram-se como a regra para a multidão de adolescentes atraídos pelo discurso da fama e do dinheiro supostamente mais fácil.

Além disso, tem sido imenso e progressivo o endividamento dos clubes, já não mais portadores das garantias de antes sobre os atletas que, nesses clubes, foram formados desde as divisões de base. É agressiva e exclusivamente mercantil a inserção de empresários que, em busca de futuros talentos, invadem os espaços dos clubes e negociam diretamente com os meninos do futebol. É agressiva, também, a espetacular circulação de dinheiro no mercado do futebol, que, por sua vez, se dá na mesma medida da multiplicação descabida da corrupção nos clubes, nas federações, nos conselhos arbitrais. Os escândalos são rotineiros, focalizando: dirigentes desportivos, envolvidos em negociações criminosas; árbitros de futebol questionados por práticas de favorecimento a determinados clubes – particularmente aos mais fortes – e por envolvimento em jogos paralelos que movimentam grandes quantias de capital que, no mundo da corrupção, é tomado como inexistente.¹⁵

Apostas e manipulação de resultados constroem um jogo à parte, distinto do que está disponível aos olhos apaixonados nos campos de futebol. Trata-se de um jogo

¹³ SANTOS. *A crítica da razão indolente*: contra o desperdício da experiência; HISSA. Território de diálogos possíveis.

¹⁴ Cf. BRUHNS. *Futebol, carnaval e capoeira*: entre as gingas do corpo brasileiro.

¹⁵ Cf. YALLOP. *Como eles roubaram o jogo*: segredos dos subterrâneos da FIFA.

privativo que repercute no que fazem, em campo, árbitros e atletas.¹⁶ Sobre esse jogo que corrompe e redesenha as partidas de futebol e agrega, ao esporte, uma densidade e um peso ainda maiores: circularam por todo o mundo as informações disponíveis nos jornais *La Repubblica* e *La Gazzetta dello Sport*, referentes às fraudes no futebol italiano. O ex-goleiro do Napoli Matteo Gianello confessou a tentativa de manipulação do resultado em partida contra a Sampdoria no dia 16 de maio de 2010. Gianello “(...) afirmou a magistrados de Nápoles [que] ofereceu a dois companheiros de time [Paolo Cannavaro e Gianluca Grava] a possibilidade de ganhar ‘algumas dezenas de milhares de euros’ desde que contribuíssem para perder o jogo”.¹⁷ Na Itália dos recentes escândalos, envolvendo jogadores no acerto de resultados, quase vinte pessoas foram presas. O primeiro-ministro do país, Mario Monti, sugere “(...) uma total suspensão desse jogo [futebol] por dois ou três anos”.¹⁸ Não se trata de uma nova modalidade de jogo, pois o próprio jogo de futebol é cercado de dúvidas, de situações escandalosamente marcantes, como, por exemplo, a partida decisiva, válida pela Copa Libertadores da América, envolvendo o Atlético de Minas Gerais e o Flamengo do Rio de Janeiro.¹⁹ O título intercontinental do Flamengo também passou a ser interrogado.²⁰ Acerca das fraudes no futebol em todo o mundo, em notícia que circulou ao final de maio de 2012, o presidente da Federação Italiana de Futebol, Giancarlo Abete, afirmou que “(...) mais de 50 países estariam sofrendo com o mesmo problema”.²¹ Andre Agnelli, presidente da Juventus punido com o rebaixamento para a segunda divisão quando das fraudes de 2006 ainda afirmou que o quadro de 2012 “(...) é extremamente preocupante para o mundo do futebol”.²² Trata-se de uma declaração bastante distinta do que se costuma

¹⁶ Em 2005, no Brasil, as implicações mais evidentes das fraudes relacionadas aos arranjos de resultados foram o rebaixamento técnico do Clube Atlético Mineiro e o título do Corinthians Paulista. O escândalo pouco foi apurado, sem qualquer punição, diante de tantas informações e envolvidos, sobretudo árbitros. Em 2006, na Itália, o desfecho foi relativamente diferente, com a punição de muitos, com o rebaixamento jurídico da Juventus de Turim – ainda que pouco tenha sido evitado. Em 2011, o rebaixamento do Atlético do Paraná também gerou fortes suspeitas, assim como o próprio título do Corinthians Paulista. Em 2012, na Itália, novamente, emerge forte crise decorrente do jogo paralelo, que, por sua vez, afeta fortemente o jogo nos gramados.

¹⁷ Disponível em: <<http://esportes.terra.com.br/futebol/europeu/2012/noticias/>>. Acesso em: 28 maio 2012.

¹⁸ Disponível em: <<http://esportes.terra.com.br/futebol/europeu/2012/noticias/>>. Acesso em: 28 maio 2012.

¹⁹ É emblemática, na América do Sul, a situação ocorrida em 1981 envolvendo Atlético e Flamengo. O árbitro da partida, José Roberto Wright, injustificadamente, expulsou diversos jogadores do Atlético. Não sem causar imensa perplexidade, a partida foi encerrada por falta de jogadores do alvinegro de Minas Gerais, e o caminho foi aberto para o, até então, único título continental dos cariocas. Passados mais de 30 anos, a partida ainda está em aberto, assim como a história de fatos jamais conhecidos. Sabe-se que o Atlético, logo após a partida não encerrada, entrou com um processo na Confederação Sul-Americana de Futebol e as suas solicitações foram deferidas; no entanto, quando isso ocorreu, a competição continental já havia se encerrado.

²⁰ Mais adiante, em 2004, o ex-goleiro do Liverpool, Bruce Grobelaar, afirmou ter sido procurado por dirigentes do Flamengo para facilitar a vitória dos brasileiros, às vésperas da partida, em Tóquio, no ano de 1981. Cf. <<http://ne10.uol.com.br/canal/esportes/futebol/noticia/2004/01/09/>>. Acesso em: 28 de maio 2012.

²¹ Disponível em: <<http://esportes.terra.com.br/futebol/europeu/2012/noticias/>>. Acesso em: 28 maio 2012.

²² Disponível em: <<http://esportes.terra.com.br/futebol/europeu/2012/noticias/>>. Acesso em: 28 maio 2012.

ouvir na imprensa: “o futebol é interessante porque é gerador de polêmica.” O emprego dessa palavra é equivocado e traiçoeiro, pois no futebol, em geral, quando emerge a denominada e esvaziada “polêmica” é porque alguém saiu lesado – injustamente, em diversas circunstâncias – e, conseqüentemente, alguém se beneficiou.

Todas as negatividades que cercam uma partida de futebol fazem com que o *sujeito-torcedor* – caracterizado a partir do clube com o qual estabelece vínculos de identidade – volte-se, mais, contra muitas outras forças: contra o adversário, obviamente, mas, sobretudo, contra o árbitro – que teima em não ver o que todos veem –, contra o narrador, que, sem convencer, finge não torcer pelo adversário. Torcer contra o árbitro: está aí uma tarefa inglória.

Ao trazer Vicente Verdú para a leitura ampla e diversa que faz do futebol no contexto histórico e cultural brasileiro, José Miguel Wisnik não pareceu explicitar a intenção – nem tampouco negá-la – de condenar as arbitragens diante das vastas possibilidades de engano e, diante disso, de intencional falso-engano. Ele reconduz Verdú ao debate, em determinada passagem de sua obra, de modo a esclarecer a obscuridade: “para saber em realidade se foi gol não basta observar se a bola ultrapassou a linha da meta, é preciso olhar o árbitro”.²³ Escreve Wisnik:

De um ponto de vista literário, o juiz de futebol é um narrador intrusivo em primeira pessoa que está estruturalmente obrigado a se passar por um narrador onisciente em terceira pessoa (como se fosse possível chegar a isso com o auxílio de dois bandeirinhas).²⁴

Mesmo repetindo o que todos já dizem e sabem, Wisnik fornece outras possibilidades de estruturação de argumentos, ao reafirmar que “(...) nenhum jogo arbitrado é tão sujeito à interpretação quanto o futebol”.²⁵ Poder-se-ia dizer: nenhum jogo, como o futebol, deixa-se sujeitar, com tal magnitude, pela leitura arbitrária: acertada, equivocada ou mal intencionada. Não se diz, com isso, que se trata de escrita subserviente ou obediente às regras, mas sujeita às diversas arbitrariedades: o árbitro pode interferir na escrita, *inventar a gramática* destituída de qualquer lógica e *construir a língua*, ininteligível, não exatamente apenas como a profere, mas, sobretudo, como politicamente lhe convém e, em diversas circunstâncias, conforme os fortes sinais encaminhados pelas diversas estruturas de poder. Pode-se afirmar que o árbitro, em muitas situações, recria o jogo; e o limite a ser imposto pelas regras do jogo é membrana frágil diante da fronteira – instável e de aberturas imprevisíveis – completamente à mercê da arbitragem. Nesses termos é que se pode pensar: as regras do jogo de futebol – tal como foram elaboradas e perpetuadas pela FIFA – são portadoras de uma permissividade oportunista e perfeitamente compatíveis com a reescrita do jogo pelo árbitro a partir de conveniências contrárias à ética, não porque também devem se sujeitar à leitura, mas, sobretudo, porque a leitura é impossibilitada por fatores diversos. É assim que o erro decorrente da impossibilidade da leitura é confundido com o proposital falso-erro.

²³ VERDÚ. *El fútbol*, p. 52, citado por WISNIK. *Veneno remedio: o futebol e o Brasil*, p. 106.

²⁴ WISNIK. *Veneno remedio: o futebol e o Brasil*, p. 107.

²⁵ WISNIK. *Veneno remedio: o futebol e o Brasil*, p. 107.

Em campo, não é mais possível ver o futebol apenas como um esporte, apenas como um belíssimo *jogo de arte*, mas, sobretudo, na maioria das circunstâncias, mais como um *espetáculo do dinheiro* e do poder: nas mais recentes Olimpíadas, Copas do Mundo, Champions League, Eurocopas, Libertadores da América, e nos mais ricos campeonatos nacionais de clubes. São abafados todos os escândalos de suborno, de lavagem de dinheiro e de todas as espécies de corrupção. O futebol, mercado, negócio, é a armadilha mais sutil de todas as formas de representação social. Entretanto, tal como no mundo referente às sociedades moderno-ocidentais, há quem sempre encaminhe a leitura convencional: o futebol é o único esporte em que o mais fraco pode vencer o mais forte. Mas tal raridade não poderá servir de modelo: o mais fraco concentra menos poderes e, proporcionalmente, quase poder nenhum; o mais forte concentra mais poderes e, proporcionalmente, quase todo o poder; o mais fraco é quase sempre aniquilado. A partir de tais obscenas e injustas desproporcionalidades é que deveríamos pensar o significado de identificação com o mais fraco e, do mesmo modo, com o que representa o *sujeito-torcedor* ao representar apaixonadamente o seu lugar, o seu território.

TERRITÓRIO DE COMBATE

Existe algo no mundo do futebol não destruído pelo mercado: o território, esse *recorte político de lugar*, feito de poder, experimentado e vivido pelos sujeitos do mundo. Entretanto, o mercado globalizado transformou o território, e, ao transformá-lo, potencializou a sua condição política. Não se diz, aqui, de determinados territórios-nação e, tampouco, dos Estados, que, vinculados a territórios forjados pelo capital, jamais poderiam construir ambiências de territorialidade marcadas pela confiança, solidariedade e compartilhamento. Diz-se, aqui, de uma invisível constelação de territórios que, muitas vezes, no interior de outros mais aparentes, nos falam do poder ou dos diversos poderes. Portanto, o capital e a velocidade eletrônica da modernidade globalizada não homogeneizaram espaços, ainda que se percebam fortes as tendências às padronizações de hábito, de consumo e de *pequenos gestos de cultura*.

Na *cultura do futebol*, o mercado dramatizou a paixão, o regionalismo, assim como modificou o comportamento dos sujeitos, torcedores em multidão. A violência é proporcional à magnitude das transformações. Os torcedores não percebem mais, com a intensidade de antes, os atletas como seus representantes – e representantes dos seus *territórios-lugares*; mas eles exigem tal espécie de representação. Mesmo que os clubes, com as suas progressivamente mais sofisticadas estruturas de marketing, desejem transformar os torcedores em consumidores – de modo a ampliar as suas arrecadações –, os *sujeitos de arquibancada* são movidos pelo drama, pela paixão, pelo sentimento de identidade com os seus lugares e territórios.²⁶

²⁶ Há que se sublinhar que, na modernidade – ou na hipermodernidade contemporânea –, são progressivamente mais tênues, ainda que permaneçam fortes, as relações entre os sujeitos e os lugares e territórios. A mobilidade territorial do trabalho – assim como todas as mobilidades presentes no mundo contemporâneo – e as profundas transformações experimentadas pelas grandes cidades desconstruíram, em parte, as relações de pertencimento, envolvendo sujeito e *lugar-território*, e certo estrangeirismo é incorporado pelos sujeitos do mundo.

Nem toda a paixão poderia ser compreendida a partir da primeira *bola de infância*. Segundo Luiz Fernando Veríssimo: “Nenhum prazer do mundo se igualava ao cheiro do couro de uma bola de futebol recém-desembrulhada latejando em suas mãos.”²⁷ É certo que a brincadeira de criança será envolvida pela presença paterna,²⁸ mas, com ela, virão cores de camisas e o nome de clubes.²⁹ Mais adiante, a rua, o bairro e, sobretudo, a cidade e, eventualmente, a região: referências territoriais de sociabilidade e definidoras da construção das identidades. Os torcedores de futebol são *sujeitos-torcedores dos lugares* que se transformam em territórios de poder: ruas e bairros; cidades e regiões; nações e tribos. Assim, os clubes de futebol, em geral, já no seu próprio nome, carregam a marca dos seus territórios de poder, de confiança, solidariedade e compartilhamento. Tais territórios, em todos os cantos do mundo, poderão ser países, mas, também, províncias, lugares, cidades.³⁰ Uma conquista do Barcelona, por exemplo, é festejada, sobretudo, em catalão, e, certamente, muito menos em espanhol. Significados ainda mais fortes emergem desses territórios, quando uma conquista do Barcelona é mais festejada – certamente, na Catalunya, efusivamente – do que uma conquista da própria seleção espanhola. Isso vale para o Real Madrid, o Valência e o Athletic Bilbao. Os clubes são representações dos lugares, dos territórios feitos de identidade e de uma espécie de solidariedade bélica eminentemente local.³¹

Os gritos e os cânticos nos estádios são os de combate. Nas arquibancadas, o rufar dos tambores encaminha ritmo e estimula danças e movimentos sincronizados. Danças e gritos de guerra. O comportamento de muitas torcidas de futebol procura se moldar à imagem dos grandes exércitos: além dos cânticos de guerra e de demarcação de território, ajuntam-se as bandeiras, com os escudos que substituem brasões, com fogos de artifício e estrondosos artefatos de simulação bélica. Drummond, em 1974, ainda, dizia: “Bem-aventurados os que não moram em ruas de torcida institucionalizada, ou em suas imediações, pois só recolhem 50% do barulho preparatório ou comemoratório.”³² Mas

²⁷ VERÍSSIMO. A primeira, p. 12.

²⁸ “Após a morte de meu pai, em março de 2001, quando eu já estava trabalhando na escrita deste livro, meu amor pelo Atlético começou a se confundir com meu amor por ele. (...) Em sua homenagem, prometo cultivar em meus filhos a paixão pelo clube que ele me ensinou a amar, alimentando zelosamente uma tradição que, espero, continuará a existir por muito tempo.” SILVA. *Mil e uma noites de futebol: o Brasil moderno de Mário Filho*, p. 15.

²⁹ Mesmo com a recente presença feminina no esporte, o futebol masculino é absolutamente hegemônico. Além disso, como expressão de guerra e combate, ele é percebido, particularmente nas culturas moderno-ocidentais, como pertencente ao universo do masculino.

³⁰ Os exemplos são vários: São Paulo, Clube Atlético Mineiro, Santo André, São Caetano, Corinthians Paulista, Santos, Portuguesa Santista, Fluminense, Grêmio de Porto Alegre, Rosário, Sport de Recife, Bahia, Barcelona, Real Madrid, Sevilla, Manchester City, Liverpool, New Castle, Porto, Sporting de Lisboa, Marseille, Montpellier, Lyon, Milan, Internazionale de Milão, Dínamo de Kiev, Locomotiv Moscou, Bayern de Munique, Rapid de Viena, dentre muitas centenas de outros: clubes de expressão internacional, clubes pequenos e clubes milionários.

³¹ Mesmo com a campanha excepcional da seleção espanhola na Copa do Mundo de 2010, realizada na África do Sul, os espanhóis deram pouca atenção ao desenrolar dos jogos e o fato é também marcante por ter sido a primeira Copa conquistada pela Espanha ao longo de toda a história.³² ANDRADE. Sermão da planície (para não ser escutado), p. 136.

³² ANDRADE. Sermão da planície (para não ser escutado), p. 136.

escutar o barulho é pouco, diante do que se pode ver e, sobretudo, diante do que se pode enfrentar. Como em dias de combate, torcedores pintam os seus cabelos e rostos como guerreiros e já não é incomum a presença de corpos tatuados com os *brasões dos clubes*. Fora dos estádios, no espaço da rua, confrontos³³ pesados envolvendo grupos adversários já são rotineiros, e o drama, aparentemente, já não parece expressar os significados do futebol. A brincadeira de criança ultrapassa o limite do jogo e alcança o *mundo da guerra*, também fora dos gramados, que faz incontáveis feridos e mortos.³⁴ Pode-se dizer que a paixão dos torcedores em combate é inexplicavelmente maior do que o próprio combate no interior das quatro linhas, entre os jogadores, com a bola indo e vindo e, aparentemente, sem destino algum. Entretanto, a despeito de contrariar, supostamente, as regras da física de variados modos e, ocasionalmente, de contrariar a própria ideia de lógica, no seu contato tênue com inteligência e corpo dos atletas, a bola segue mesmo é para os territórios de poder.

PALAVRAS FINAIS: ARTE E REPRESENTAÇÃO DO MUNDO

Faltarão apenas três minutos para o encerramento da partida e, mesmo com toda a multidão que encolheria as arquibancadas, empurrando o seu time para vitória, tudo já parecerá perdido. Restarão, apenas, os minutos de acréscimo sinalizados pelo árbitro e, diante disso, vários já deixarão o estádio. Parecerá lugar-comum dizer que algo inesperado acontecerá. Mas é inevitável dizer: é que a bola, lisa, indiferente ao cronômetro, tendo já passeado por todos os cantos do retângulo coberto de grama, originária de um desprezioso pontapé, atravessará cinquenta e tantos metros e, na grande área, encontrará aquele inesperado salto de costas em eclipse que se transformará em uma acrobática bicicleta. *Bola de 50 metros*, em curva, atingida em cheio: “a linha reta nem sempre é o caminho mais desejável entre dois pontos.”³⁵ Bola atingida em cheio, em perfeita sincronia de movimentos: inteligência corporal articulada à imprevisível e felina antecipação. O pensamento parecerá ter chegado depois, mas não: ele estará sempre no corpo que pensa em movimento. Percepção milimétrica: espaço e tempo, aos olhos de todos, reunidos pelo deslocamento e precipitação do corpo. Pois, após tantos rabiscos de pernas, lentas e rápidas, tantos desenhos que marcarão o gramado úmido, será esse o desfecho da escrita; após tantas tentativas frustradas, será precisamente naquele instante improvável que surgirá a única e a última grande oportunidade que, de costas, naquele aparentemente ensaiado rodopio, o improvável se transformará em indescritível beleza, em insuperável emoção, que, por sua vez, se desdobrará em várias outras. Diz Drummond:

³³ “Uma desgraça para a sociedade civilizada’, disse uma vez Margaret Thatcher. Com base na taxa de mortalidade – mais de uma centena naquela década –, os ingleses eram os principais produtores mundiais de torcedores enlouquecidos, mas estavam longe [de] serem os únicos. Por toda a Europa, América Latina e África a violência tornara-se parte da cultura futebolística. E mesmo em lugares onde a violência de há muito acompanhava o futebol, ela se tornou mais generalizada e destrutiva nos anos 1980 e 1990” (FOER. *Como o futebol explica o mundo: um olhar inesperado sobre a globalização*, p. 18).

³⁴ Cf. TOLEDO. *Torcidas organizadas de futebol*.

³⁵ SANT’ANNA. *Boca do túnel*, p. 82.

“Instantes lúdicos: flutua / o jogador, gravado no ar – afinal, o corpo triunfante / da triste lei da gravidade.”³⁶ É gol: “diz o filó para o goleiro”, que, apenas, através da audição, feita de contato entre bola e rede logo atrás, compreendeu, com a descarga de adrenalina derradeira e desperdiçada, a inevitabilidade da derrota. Mas não será um gol comum. Será o gol daquele instante inesperado, daquele movimento surpreendente já fotografado pelos olhos: cada um com a sua câmara, com o seu ângulo, com a sua perplexidade. A multidão socará os ares, tal como o fará, também, o acrobata improvisador. Alguém dirá, aos pulos, do alto da arquibancada: “eu não deixaria de aproveitar essa bola!” Ainda Drummond: “Bem-aventurados os que não são cronistas esportivos, pois não carecem de explicar o inexplicável e racionalizar a loucura.”³⁷ Haverá pranto e abraços de lágrimas. Todos serão heróis, representados pelo corpo no ar em movimento. Haverá choro, após o drama que se arrastará durante semanas, meses e décadas. Mais uma vez Drummond: “Bem-aventurados os que, por entenderem de futebol, não se expõem ao risco de assistir às partidas, pois não voltam com decepção ou enfarte.”³⁸ Será mais uma história a contar para sempre, feita daquele desfecho após todos os rabiscos. Será esse o ponto final da escrita sempre inacabada, feita com os pés que absorvem pensamento e corpo, para onde tudo converge.

Entretanto, na *gramática do futebol*, as reticências poderão desejar a substituição do ponto final da escrita. Poderá haver o dia em que, ao sonho, foi permitido abraçar a paixão. Sonho de compreender o mundo, sempre mais; entretanto, sonho de transformação do mundo de modo a suprimir o injusto, o desigual, o corrupto, o repugnante cinismo. No sonho, o futebol deixaria de ser apenas a escrita com os pés que rabiscam gramados e, de improviso, de tanto domínio, constroem desenhos surpreendentemente espetaculares: feitos de fios de pensamento, de tática, de drible, de sutileza, de percepção antecipada, de força. Deixaria de ser somente a escrita com o corpo inteligente que se serve dos pés para pensar; ou de ser apenas a escrita de *certo mundo* com o corpo, com a inteligência que se serve das pernas. No sonho que abraça a paixão, por toda a perplexidade e por todo o encantamento que produz, por tantas paixões que faz desenrolar, o futebol serviria não apenas para compreender o mundo. Por tudo o que ele representa para as sociedades, também porque envolve milhões de sujeitos do mundo de forma apaixonada, o futebol reescreveria a trajetória da cultura em que se insere. Mobilizaria politicamente as sociedades e as populações, mais do que a própria política; pois é política potencializada pela paixão. Bastaria um só movimento com o propósito de anular um fio de corrupção, por menor que aparentasse ser. Bastaria um pequeno movimento com o objetivo de seguir os vestígios de suborno, os pequenos traços de grandes desvios fraudulentos. Bastaria apenas um insignificante movimento e toda a paixão estaria posta em causa; ou toda a causa social estaria sob a vigília da paixão que guarda o mundo do futebol. Toda a escrita convergiria para a crítica social. Quem, dentre tantos, poderia iniciar tal movimento?



³⁶ ANDRADE. Futebol, p. 21.

³⁷ ANDRADE. Sermão da planície (para não ser escutado), p. 135.

³⁸ ANDRADE. Sermão da planície (para não ser escutado), p. 135.

RESUMÉ

Le football est une façon d'écrire et de *dire le monde* et, donc, une forme de représentation qui, ancrée dans le contexte culturel dans lequel elle opère, reflète les plus diverses significations de la société; il reproduit et explicite les inégalités et les atrocités sociales; mais, paradoxalement, pour être un moyen de *dire le monde*, est une manière passionnée, passionante et magique d'un potentiel de transformation sociale. Simulation de la guerre, où il y a seulement la possibilité de victoire de l'un, le football est aussi une écriture à être ouverte à la critique sociale.

MOTS-CLÉS

Football, représentation, critique sociale

REFERÊNCIAS

- ANDRADE, Carlos Drummond de. Carta sem selo. In: _____. *Quando é dia de futebol*. Rio de Janeiro: Record, 2002. p. 103.
- ANDRADE, Carlos Drummond de. Futebol. In: _____. *Quando é dia de futebol*. Rio de Janeiro: Record, 2002. p. 21.
- ANDRADE, Carlos Drummond de. Sermão da planície (para não ser escutado). In: _____. *Quando é dia de futebol*. Rio de Janeiro: Record, 2002. p. 135-137.
- BRUHNS, Heloisa Turini. *Futebol, carnaval e capoeira: entre as gingas do corpo brasileiro*. Campinas: Papyrus, 2000.
- CALDEIRA, Jorge. *Ronaldo: glória e drama no futebol globalizado*. Rio de Janeiro: Lance Editorial; São Paulo: Editora 34, 2002.
- FILHO, Mário. *O negro no futebol brasileiro*. Rio de Janeiro: Mauad, 2003.
- FILHO, Mário. *O sapo de arubinha: os anos de sonho do futebol brasileiro*. São Paulo: Companhia das Letras, 1994.
- FOER, Franklin. *Como o futebol explica o mundo: um olhar inesperado sobre a globalização*. Rio de Janeiro: Zahar, 2005.
- HISSA, Cássio Eduardo Viana. Território de diálogos possíveis. In: RIBEIRO, Maria Teresa F.; MILANI, Carlos Roberto S. (Org.). *Compreendendo a complexidade socioespacial contemporânea: o território como categoria de diálogo interdisciplinar*. Salvador: EDUFBA, 2009. p. 36-84.
- RIBEIRO, Darcy. *Mestiço é que é bom!* Rio de Janeiro: Revan, 1997.
- RICARDO, David. *Princípios de economia política e tributação*. São Paulo: Abril Cultural, 1982.
- RODRIGUES, Nelson. *À sombra das chuteiras imortais: crônicas de futebol*. São Paulo: Companhia das Letras, 1993.
- RODRIGUES, Nelson. *A pátria em chuteiras: novas crônicas de futebol*. São Paulo: Companhia das Letras, 1994.

- SANT'ANNA, Sérgio. Boca do túnel. In: LIMA, João Gabriel de (Org.). *Bravo! Literatura & futebol*. São Paulo: Abril, 2010. p. 77-103.
- SANTOS, Boaventura de Sousa. *A crítica da razão indolente: contra o desperdício da experiência*. São Paulo: Cortez, 2000.
- SILVA, Marcelino Rodrigues da. *Mil e uma noites de futebol: o Brasil moderno de Mário Filho*. Belo Horizonte: Ed. UFMG, 2006.
- SMITH, Adam. *Investigação sobre a natureza e as causas da riqueza das nações*. São Paulo: Abril Cultural, 1984.
- TOLEDO, Luiz Henrique de. *Torcidas organizadas de futebol*. Campinas: Editora Autores Associados/Anpocs, 1996.
- VERDÚ, Vicente. *El fútbol: mitos, ritos y símbolos*. Madrid: Alianza Editorial, 1980.
- VERÍSSIMO, Luis Fernando. A primeira. In: _____. *A eterna privação do zagueiro absoluto: as melhores crônicas de futebol, cinema e literatura*. São Paulo: Objetiva, 1999. p. 11-12.
- YALLOP, David A. *Como eles roubaram o jogo: segredos dos subterrâneos da FIFA*. Rio de Janeiro: Record, 1998.
- WISNIK, José Miguel. *Veneno remédio: o futebol e o Brasil*. São Paulo: Companhia das Letras, 2008.